

# A educação profissional e a crise climática<sup>1</sup>

Ana Inoue<sup>2</sup>

O Brasil tem hoje a oportunidade histórica de alinhar sua política de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) aos compromissos climáticos globais. Para além dos fóruns mundiais de debate dessa agenda, o enfrentamento climático não se restringe a uma pauta de ambientalistas e tomadores de decisões, mas está já no nosso dia a dia, exigindo antecipação, planejamento territorial e construção de capacidades técnicas em larga escala de toda a sociedade. Ou seja, esta é, ou deveria ser, uma agenda da EPT, para as juventudes, para o desenvolvimento econômico do país e para o futuro.

Basta olhar ao nosso redor para as mudanças que já estão em curso alinhadas à transição sustentável, como os carros elétricos nas ruas, os painéis solares em telhados ou nos atualizarmos sobre as causas e consequências das secas e enchentes, entre outras. A pergunta a se fazer é: temos profissionais qualificados e em quantidade suficiente para operar todas as tecnologias e as mudanças que estão por vir? Estamos formando as juventudes brasileiras para conhecerem os problemas que enfrentamos e enfrentaremos e possam, assim, construir soluções para eles? Estamos preparados para as demandas geradas pelos problemas, soluções, negócios e necessidades, bem como para os impactos sociais relacionados às mudanças climáticas?

Na minha coluna anterior nesse espaço no **Valor**, comentei sobre a Agenda de Ação Global, que traz 30 ações organizadas em seis eixos, proposta pelo presidente da 30 Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP30). Além das ações que destaquei anteriormente, chamo a atenção para os eixos indicados nessa Agenda, que trazem importantes provocações sobre o que a sociedade precisa fazer, em termos práticos, no campo da profissionalização e da geração de oportunidades.

Por exemplo, a Agenda destaca a necessidade de triplicar as energias renováveis e duplicar a eficiência energética. Para que isso aconteça, no entanto, é preciso antecipar a estruturação de toda uma cadeia produtiva, o que passa, invariavelmente, por profissionais qualificados e atentos às novas tendências do mundo do trabalho para garantir tais soluções e infraestrutura. Outro eixo diz respeito à gestão das florestas, oceanos e biodiversidades, incluindo investimentos para reverter o desmatamento, restaurar a natureza, entre outros. No entanto, não há reflorestamento eficaz sem conhecimento técnico profundo sobre os biomas originais. Não adianta plantar mudas aleatoriamente. É preciso saber as especificidades das espécies, como manejar o solo e como garantir logística para produção e transporte dessas mudas. E isso começa pela formação técnica e qualificada, especialmente das juventudes, que estão vivendo agora essa transição e têm, nela, a oportunidade de serem inseridos e se manterem dignamente no mundo do trabalho.

---

<sup>1</sup> Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniaao/ana-inoue/coluna/a-educacao-profissional-e-a-crise-climatica.ghtml>

Acessado em 28.07.2025

<sup>2</sup> Superintendente do Itaú Educação e Trabalho, frente da Fundação Itaú com foco em educação profissional, juventudes e sua inclusão no mundo do trabalho

Além disso, há diferenças territoriais nesse processo. O que vale para São Paulo, em grande parte não servirá para a Amazônia, considerando, por exemplo e entre outros aspectos, as milhares de comunidades acessíveis apenas por água que compõem o Estado do Amazonas. Neste caso, por exemplo, a conversão de lanchas a diesel em embarcações elétricas é uma prioridade e exigirá soluções específicas (de autonomia de bateria até a instalação de estações de recarga em regiões remotas). São cadeias produtivas inteiras e formação profissional que precisam ser planejados com base nas vocações e desafios de cada território.

Mais do que criar cursos técnicos isolados e desenvolver ações individuais, precisamos desenhar ecossistemas de formação e trabalho coerentes com as realidades locais e nacional, em um planejamento amplo e interdependente. Essa Agenda não é de um grupo, mas sim de desenvolvimento territorial, nacional e, no limite, global, o que requer um olhar coletivo para a profissionalização também.

Cito aqui, a título de exemplo, o que está em curso no Estado do Piauí em relação a duas áreas: as cadeias produtivas da tecnologia e do mel. Em relação à primeira, o governo do Estado criou uma coordenação na oferta de cursos técnicos de Tecnologia, que articula diferentes frentes, como Desenvolvimento de Sistemas, Marketing Digital, Programação de Jogos Digitais e Informática. Estes cursos, por sua vez, se articulam com um ecossistema que, além dos cursos técnicos de nível médio, envolve também os cursos de qualificação profissional, ensino superior e pós-graduação.

Esta proposta impulsiona a carreira dos jovens e indica para eles a perspectiva de formação contínua, desde o ensino médio até o ensino superior e pós-graduação. Uma trilha que, certamente, fará muito sentido para que esses jovens, quando formados, estejam inseridos em trabalhos alinhados às mudanças climáticas. Em relação ao mel, foram criados cursos técnicos ampliando a visão para o arranjo produtivo dessa produção, como de apicultura, intercâmbio de técnicas de manejo e instrução sobre prevenção de pragas. Estes cursos são oferecidos tanto na formação em agropecuária como especificamente para as comunidades quilombolas de algumas regiões do Estado, com o objetivo de contribuir com a inclusão produtiva da população.

Nesse contexto, é importante lembrar que a preocupação e o empenho em torno da agenda climática é, também, uma agenda de justiça social. As populações mais vulneráveis são também as mais afetadas pelos eventos climáticos extremos. Preparar essas populações para enfrentar e participar ativamente da transição ecológica, com profissionalização de qualidade e oportunidades dignas no mundo do trabalho nessa área é uma forma importante de promover justiça social e de fortalecimento da economia local.

A urgência é real — aliás, mais do que a urgência, a emergência é real e não podemos cair na armadilha de soluções isoladas. É hora de pensar em cadeia, de forma interdependente, articulada e com o olhar e os pés no chão do território. E dali para o mundo. O futuro se constrói, primeiramente, com pessoas e elas precisam estar preparadas para enfrentar a realidade com todos os grandes e complexos desafios. A Educação Profissional e Tecnológica tem um papel importante nisso!